



O perfil dos turistas com destino à Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ) no verão de 2018

The profile of tourists visiting Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ, Brazil) in summer 2018

Wilson Martins Lopes Júnior, Frederico Yuri Hanai, Luiz Claudio Passamai Serra Ribas

RESUMO: Considerando-se que na prática do turismo os deslocamentos de pessoas (os fluxos de turistas em suas viagens) são imprescindíveis, assim como há a necessidade de um conjunto de infraestruturas e equipamentos para a realização dessa atividade, emergem os impactos socioeconômicos e ambientais. Dentre as diferentes formas de diagnosticar os impactos negativos dessa atividade, buscando-se mitigá-los e potencializar os positivos, pode-se investigar o perfil dos turistas que frequentam um destino turístico específico, a fim de contribuir com o planejamento da atividade turística. No caso desta pesquisa, considerando-se o grande fluxo de turistas que se destinam à Ilha Grande no estado do Rio de Janeiro e a peculiaridade ambiental da referida localidade, Patrimônio Cultural e Natural Mundial da Unesco, buscou-se analisar o perfil socioeconômico e turístico dos viajantes que se dirigiram para a referida localidade em período do verão de 2018. Para isso, adotaram-se métodos quantitativo e qualitativo, pesquisa bibliográfica (com enfoque em referencial teórico sobre os temas Meio Ambiente e Turismo), e entrevistas estruturadas com perguntas padronizadas e aplicadas em sequência a todos os entrevistados (turistas prestes a embarcar para a Ilha Grande). Os resultados obtidos visaram ao levantamento do perfil socioeconômico e turístico dos visitantes, incluindo dados sobre gênero, faixa etária, escolaridade, renda média, procedência, tipo de hospedagem, assim como sobre a motivação da viagem. Além disso, considerando-se o caráter ambiental da Ilha Grande e visando entender a percepção dos turistas sobre a localidade, indagados sobre duas palavras que exprimiam a ideia da visita, as mais citadas referiram-se à elementos naturais, reforçando o ambiente natural como referência do destino. Por fim, diante de uma recente polêmica envolvendo a cobrança de taxas para visitação (como a de preservação ambiental), a maioria dos turistas respondeu que aceitaria pagar o ingresso pelos possíveis benefícios da conservação ambiental e melhorias sociais. Assim, pelas suas particularidades ambientais e pelo título de Patrimônio Histórico e Natural da Humanidade recentemente outorgado, a Ilha Grande consolida-se como um destino com referência à natureza, à qual devem ser dedicadas medidas e ações sustentáveis. A identificação do perfil socioeconômico e turístico dos visitantes da Ilha Grande (e suas respectivas motivações) possibilita e permite a definição de políticas, programas, planos, projetos e ações de planejamento da atividade turística, condizentes com as expectativas dos turistas, no sentido de promover o Turismo Sustentável.

PALAVRAS CHAVE: Turismo; Perfil de Turistas; Ilha Grande; Patrimônio Natural.

ABSTRACT: Considering that for the practice of tourism the displacement of people (the flow of tourists on their trips) is essential, as well as there is a need for a set of infrastructures and equipment to carry out this activity, socioeconomic and environmental impacts emerge. Among the different ways of diagnosing the negative impacts of this activity, seeking to mitigate them and enhance the positive ones, the profile of tourists who attend a specific tourist destination can be investigated, in order to contribute to the planning of the tourist activity. In the case of this research, considering the large flow of tourists to Ilha Grande in the state of Rio de Janeiro and the environmental peculiarity of that location, UNESCO World Cultural and Natural Heritage, we aimed to analyze the socioeconomic and tourist profile of the travelers who went to that location in the summer 2018. For this, we adopted quantitative and qualitative methods, bibliographic research (with a focus on theoretical framework on the themes Environment and Tourism), and structured interviews with standardized questions, applied in sequence to all respondents (tourists about to embark for Ilha Grande). The results obtained aimed to survey the socioeconomic and tourist profile of the visitors, including data on gender, age group, education, average income, origin, type of accommodation, as well as on the motivation of the trip. In addition, considering the environmental character of Ilha Grande and aiming to understand the perception of tourists about the location, we asked about two words that expressed the idea of the visit and the most words cited referred to natural elements, reinforcing the natural environment as a destination reference. Finally, in the face of a recent controversy involving the charging of fees for visitation (such as environmental preservation), most tourists responded that they would accept paying the ticket for the possible benefits of environmental conservation and social improvements. Thus, due to its environmental particularities and the title of Historic and Natural Heritage of Humanity recently granted, Ilha Grande consolidates itself as a destination with reference to nature, to which sustainable measures and actions must be dedicated. The identification of the socioeconomic and touristic profile of visitors to Ilha Grande (and their respective motivations) enables and allows the definition of policies, programs, plans, projects and planning activities for the tourist activity, consistent with the expectations of tourists, in order to promote Sustainable Tourism.

KEYWORDS: Tourism, Profile of Tourists, Ilha Grande, National Heritage.

Introdução

Dentre os atrativos turísticos (objetos e eventos) essenciais à prática do turismo como conhecemos, cabe destacar o papel do litoral e suas atividades. Estas regiões, devido às suas biodiversidade e localização peculiares, atraem expressiva parcela da população, de maneira que moradores e empresas podem movimentar a economia local promovendo uma série de serviços específicos da prática turística.

Por outro lado, uma vez que implicam a necessidade de infraestrutura específica, os ambientes nos quais a prática se desenvolve sofrem ampla gama de impactos ambientais. Sendo assim, urge a reflexão acerca de medidas sustentáveis que garantam o não comprometimento do ambiente e seus recursos, o que é desafiador à medida em que esbarra não somente em questões econômicas, mas também sociais, ambientais, espaciais e políticas.

Neste contexto, o presente artigo — parte da pesquisa "Percepção e estudo da sustentabilidade do turismo em equipamentos de hospedagem no município de Angra dos Reis, RJ", que envolve pesquisadores das Universidades Federal de São Carlos (UFSCar) e Federal Fluminense (UFF) — procura compreender as possíveis consequências de um intenso fluxo de turistas com destino à Angra dos Reis, especificamente em Ilha Grande.

Para tanto, o perfil socioeconômico e turístico dos visitantes com destino a ilha foi mapeado, utilizando-se de métodos da análise qualitativa e quantitativa no processo.

A escolha do recorte espacial decorre do fato de que a Ilha Grande recebe intenso fluxo turístico nacional e internacional e detenha estruturas específicas para atender esta demanda, uma área de proteção ambiental. Assim, conhecendo o perfil socioeconômico e turístico de seus visitantes, é possível engendrar políticas que não só possibilitem mitigar os impactos ocasionados pela atividade, mas também contribuam positivamente com a localidade.

Aspectos teóricos

No entendimento de Moraes (1999), a biodiversidade e localização estratégica das costas litorâneas são peculiaridades diretamente associadas aos constantes fluxos de visitantes nestas regiões. Nesse sentido, Mota (1997) acrescenta que os diferentes ecossistemas inerentes a estas localidades sofrem uma série de desequilíbrios decorrentes da ocupação urbana, industrial e da própria prática turística. Como exemplo, o caso dos manguezais, historicamente aterrados como justificativa para instalação de uma série de infraestruturas urbanas e industriais que, por sua vez, possibilitam o turismo.

A respeito deste, autores como Hall e Page (2009) e Briassoulis (2002) destacam a dependência da sua prática em relação ao ambiente natural. No entendimento de Paiva (1995, p.51), *"Os ambientes naturais constituem cada vez mais motivações turísticas, sobrepondo-se na maioria das vezes, a outros tipos de atrações. Ao dispor de recursos financeiros e tempo para viajar, o turista prefere freqüentemente ambientes naturais."*

Além disso, são as belezas naturais, de acordo com Tulik (1992), Ruschmann (1999) e Rodrigues (1999), as mais importantes dentre os atrativos turísticos, especialmente as que constituem a modalidade "sol e praia", isto é, o arranjo entre abundância de água, clima quente e praias, conforme evidenciado por Rejowski *et al.* (2002) e Urry (2001).

O desejo de consumo do mar e de suas praias pela população é o responsável pelo fluxo intenso de visitantes nas áreas litorâneas. Esse consumo é estimulado a partir de estratégias de marketing que ofertam as praias aos trabalhadores para seu usufruto em seu tempo livre. No entendimento de Ramos (2009, p.87), *"as praias também são vendidas para serem consumidas durante o tempo livre do trabalhador e, para isso, a publicidade do circuito do turismo é bem eficaz, trazendo os que vivem distante para consumi-las por períodos de tempo variáveis"*.

Em decorrência da importância destas regiões para o turismo, Machado (2000) e Corbin (1989) implicam o modo de produção capitalista, associado ao processo de urbanização, como catalisadores de amplas modificações nas praias. Urry (2001), por sua vez, associa o uso do litoral pela prática turística como responsável direto do processo de massificação observado nestes locais.

O Brasil possui em sua zona costeira cerca de 400 municípios, e segundo o último Censo do IBGE neles habitam uma população em torno de 34 milhões de habitantes. No período de verão, alguns destes municípios podem ter sua população quadruplicada. Esse movimento, muitas vezes, implica em problemas para o destino turístico, uma vez que o aumento repentino do número de habitantes nem sempre é acompanhado pela infraestrutura urbana necessária. [...] Esse fato pode ocasionar problemas de saneamento básico, na malha viária, na segurança, na prestação de serviços, na rede hoteleira, entre outros. Outro problema comum a destinos turísticos de Sol e Praia são as deficiências em saneamento básico, pois a contaminação do solo e das águas traz possíveis danos para a saúde humana e para a qualidade ambiental, [...] (BRASIL, 2010, p. 33)

A massificação das áreas litorâneas, somada ao adensamento populacional provocado pela sazonalidade dos turistas, implica na progressiva destruição dos ecossistemas naturais em que a prática se desenrola. Nesta perspectiva, contribui Molina (2001, p.97) ao dizer que *"a progressiva destruição dos ecossistemas naturais de uso turístico é um fato inevitável"*. Nesse sentido, para Tortella e Tirado (2011), assim como Seara (2003), a natureza, ou seja, os atrativos que propiciam a prática da atividade turística, são degradados. Este processo demonstra uma lógica bastante paradoxal, uma vez que a atividade compromete as condições que possibilitaram sua própria mercantilização.

Outro aspecto a se considerar quando se tratando desta problemática é a correlação entre o turista e o local visitado, haja vista que o turista é *"[...] alguém que visita um lugar que não é o de sua residência habitual, com a convicção de abandoná-lo e que, de acordo com a sua procedência, pode ter maior ou menor predisposição, consciente ou inconsciente, a deteriorar o meio ambiente natural"* (MOLINA, 2001, p.69).

Questões dessa ordem são teorizadas por alguns vieses, como o do Turismo Sustentável, que segundo Swarbrooke (2000, p. 19) *"[...] é economicamente viável e não destrói os recursos dos quais o turismo no futuro dependerá, principalmente o meio ambiente natural e o lado social da comunidade local"*. Todavia, essa discussão é ampla e controversa, tendo como único ponto em comum o Relatório Brundtland em sua diretriz.

Ainda que haja ávidos defensores deste viés, há outros pesquisadores que apontam o turismo enquanto uma atividade essencialmente insustentável. Dentre os autores que discutem o Turismo à luz do desenvolvimento sustentável, pode-se mencionar: Hunter (1997), Butler (1999), Hall e Lew (1998), Ruschmann (1999), Rodrigues (2002), Irving (2005), Hanai (2012).

O desenvolvimento sustentável do turismo, apesar de ser considerado por alguns autores como utópico, provoca o desafio da sua aplicação e operacionalização numa forma de desenvolvimento mais responsável, consonante com o almejo das aspirações dos princípios da sustentabilidade. A abordagem que deve ser dada ao turismo sustentável é a de direcioná-lo operacionalmente ao planejamento futuro, com esforços sistemáticos para consolidação de

melhores condições na qualidade de vida de comunidades locais, na organização econômica e na conservação do meio ambiente. Para se consolidar como atividade responsável e ambientalmente adequada, é necessário o planejamento turístico integrado ao desenvolvimento regional, envolvendo a participação ativa da população local, tanto no processo de definição dos objetivos, como na elaboração de instrumentos, procedimentos e de indicadores para análise da sustentabilidade e gestão do desenvolvimento local do turismo sustentável (HANAI, 2012, p.223-224).

Por fim, como é destacado por Almeida (2004) e Oliveira (2000), para a eficiência do turismo é imprescindível conhecer o perfil e demandas dos turistas da localidade em questão, de maneira que seja possível colaborar com as políticas públicas dessa e, assim, mitigar os impactos socioambientais derivados da prática do turismo.

Destarte, o objetivo deste trabalho foi identificar e analisar o perfil socioeconômico e turístico dos turistas que se destinam à Ilha Grande no estado do Rio de Janeiro em um período do verão de 2018, com intuito de analisar suas expectativas e impressões sobre aspectos ambientais da referida localidade, considerada Patrimônio Cultural e Natural Mundial pela Unesco.

Contextualizando a área de estudo

Angra dos Reis está localizada ao sul do Estado do Rio de Janeiro, entre os municípios de Paraty e Mangaratiba, há cerca de 140 km da capital fluminense. Segundo o censo do IBGE (2010), sua população é estimada em 169.511 habitantes, isto é, 1% do total do Estado.



Figura 1: Localização de Angra dos Reis e a Ilha Grande no estado do Rio de Janeiro.

Fonte: LOPES JÚNIOR (2018).

Figure 1: Location of Angra dos Reis and Ilha Grande in the state of Rio de Janeiro

Source: LOPES JÚNIOR (2018).

Sua localização geográfica é bastante peculiar, situando-se entre as regiões metropolitanas do Rio e São Paulo, na região conhecida como Costa Verde. Por sua vez, esta engloba também os municípios de Paraty, Rio Claro, Mangaratiba e Itaguaí. No entanto, por estar situada entre a Serra do Mar e o oceano atlântico, domínio morfoclimático dos Mares de Morros, segundo Ab'Saber (2003), Angra dos Reis se destaca com paisagens de forte apelo turístico e grande diversidade ecológica.

Economicamente, o turismo é um setor de grande destaque no município, o que decorre de seus inúmeros atrativos naturais. São cerca de 200 praias e mais de 300 ilhas, distribuídas ao longo do litoral e no arquipélago da Baía da Ilha Grande. Além da atividade turística, se destacam também as atividades portuária, petrolífera (nos setores de armazenamento e de transporte), produção naval, pesca e energia (usinas nucleares).

Numa contextualização histórica, segundo Guimarães (1997), o desenvolvimento econômico de Angra dos Reis, especialmente nos séculos XVI e XVII, deriva de sua peculiaridade geográfica, uma vez que seu litoral de mares tranquilos e sua localização estratégica tenham favorecido a atividade portuária, tornando o município economicamente relevante local e nacionalmente em diferentes momentos históricos. De acordo com Guimarães (1997), nos séculos XVI e XVII tiveram destaque a cultura da cana-de-açúcar e a produção de aguardente, à época com utilização de mão de obra escrava. Posteriormente, no século XVIII, o mesmo autor destaca o escoamento do ouro proveniente de Minas Gerais, sendo seguido pelo escoamento do café produzido no Vale do Paraíba, em especial no século XIX. Comum a todos estes períodos, esteve presente o tráfico de escravos, que eventualmente decaiu.

No século XIX, conforme explica Bertoncello (1992), a construção da Estrada de Ferro Pedro II, que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro através do Vale do Paraíba, possibilitou dispensar Angra dos Reis como rota de escoamento do café produzido nesta região. Somou-se a isto, segundo Machado (1995) a proibição do tráfico de escravos em 1850 e a abolição da escravatura em 1888, de maneira que o porto entrou em declínio e a cidade ficou economicamente estagnada, o que ocorreu juntamente ao seu esvaziamento populacional.

Ao longo da primeira metade do século XIX a ligação entre o Rio de Janeiro e São Paulo por meio da Estrada de Ferro D. Pedro II caminha para a sua consolidação provendo um meio mais eficaz para colocar o valioso produto nos portos do Rio e Santos. Por volta de 1872 a ligação entre Rio e São Paulo está concluída e as tropas vindas do Vale do Paraíba, trazendo o café aos portos de Angra, passam a abastecer os comboios ferroviários. Após décadas de opulência, que se manifesta principalmente nos casarões coloniais construídos em seu centro urbano, a cidade mergulha em um longo período de decadência (ALVES FILHO, 2004, p. 28).

Foi somente a partir do século XX, especialmente nas décadas de 1930 e 1940, que o porto do município teve sua importância restabelecida. De acordo com Santos (2007), isto decorreu da construção do ramal ferroviário entre Angra dos Reis e o Vale do Paraíba Fluminense, que possibilitou o escoamento da produção

agrícola do estado de Minas Gerais e, posteriormente, do aço produzido pela Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, fundada em 1941. Além disso, Machado (1995) cita a construção da Rodovia Saturnino Braga ao final da década de 1940, que ligava o município à rodovia Rio-São Paulo (Presidente Dutra), o que desempenhou papel importante na dinâmica portuária e, portanto, econômica.

De acordo com Bertonecello (1992), seguiu-se a isso uma série de empreendimentos no município, especialmente na década de 1970, decorrentes de medidas do Governo Federal (militar, na época), visando à recente modernização capitalista.

Dentre estes, destacaram-se a BR-101 (Rio-Santos); Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto - CNAEA, detentora de duas usinas operantes, Angra 1 e Angra 2; Terminal da Baía da Ilha Grande - TEBIG. De acordo com Bertonecello (1992), todos estes são resultados diretos de projetos decididos em âmbito federal que, não obstante tenham impulsionado a economia, provocaram uma série de impactos socioambientais e fizeram deste o período de maiores modificações na estrutura socioespacial de Angra dos Reis.

A rodovia BR-101 teve papel decisivo nas transformações urbanas e implementação do turismo na região da Costa Verde. Conforme Siqueira (1989, p. 63), “[...] a estrada poderia ser considerada um importante equipamento turístico, uma vez que dava oportunidade a um grande intercâmbio provocado pela busca das praias e da natureza por parte das populações das grandes cidades do macroeixo Rio/São Paulo”. A rodovia favoreceu a ocupação humana, também a instalação de equipamentos de suporte a prática turística, como hotéis, pousadas, marinas, segundas residências, enfim, um aparato essencial a estruturação do turismo.

Neste contexto de implementação e desenvolvimento da prática do turismo, faz-se necessário também considerar a inserção de Angra dos Reis no Plano Nacional de Desenvolvimento do Turismo, ainda na década de 1970. De acordo com Corrêa (2008, p.254), foi encomendado pela antiga EMBRATUR, “[...] uma consultora internacional a elaboração do Projeto Turis, cujo objetivo é o levantamento do potencial turístico do litoral Rio-Santos e a classificação dos seus diferentes usos e ocupações turísticos”. Em relação a este projeto, Frattucci (2005) implica que seus resultados, sustentados em ampla análise físico-territorial no litoral da BR-101, sugeriam um ordenamento e ocupação específico para o território que, no entanto, não foram seguidos.

Na década de 1990, com o turismo consolidado, foram criados os Corredores Turísticos de Angra dos Reis, decorrente de ação conjunta da Prefeitura Municipal, Sebrae e a Associação de Turismo da Costa Verde. Essa institucionalização criou zonas específicas de turismo no território, tendo como referências seus atrativos turísticos e a localização destes no município. Deste zoneamento derivaram os seguintes corredores turísticos: Corredor Turístico do Centro; Estrada do Contorno; Ponta Sul; Ponta Leste e, por fim, o Corredor Turístico da Ilha Grande, que se destaca enquanto a localidade com o maior fluxo de turistas em Angra dos Reis.

A Ilha Grande tem a sua sede na Vila do Abraão, estando distante 22 km do centro da cidade de Angra dos Reis, através do uso de embarcação. Os Cais de Santa Luzia e Lapa localizados no centro da cidade, são os terminais de onde partem as embarcações com destino a Vila do Abraão, realizando o traslado por aproximadamente 1h10min a 1h30min.

A ilha possui aproximadamente 193 km², apresentando 30 km de comprimento e 14 km de largura, compreendendo centenas de praias. Em vias de proteger o bioma de Mata Atlântica, bem como toda a natureza que constitui seus atrativos, o território é protegido por leis ambientais.

Merece ênfase, que a Ilha Grande durante décadas no século XX, foi conhecida por abrigar o Instituto Penal Cândido Mendes. Para Santos (2005) a existência do presídio foi decisiva para o controle indireto do fluxo dos visitantes, assim como favoreceu a manutenção da quantidade da população moradora da Ilha. Mas, segundo Costa (2010) a desativação do presídio ocorrido na década de 1990 gerou transformações na ilha, como a diminuição da atividade pesqueira e o surgimento da indústria da hospitalidade, em especial na Vila do Abraão.

Nesta perspectiva, contribui Alves e Costa (2012) ao dizer que a intensificação da atividade turística na Ilha Grande ocorreu na década de 1990, após a desativação do presídio. Os referidos autores ainda destacam o crescimento da atividade do turismo em detrimento a ausência de medidas regulatórias sobre o ordenamento territorial, expondo as fragilidades socioambientais.

Por outro lado, como já mencionado, parte do território da ilha é protegido por leis ambientais, havendo Unidades de Conservação, Parques, Reserva Biológica e a Área de Proteção Ambiental.

A Ilha Grande, com quase todo o seu território protegido por leis ambientais que ali criaram uma reserva biológica e um Parque Estadual, [...] Seu território não se diferencia muito do encontrado no continente, com uma faixa bastante exígua de terras planas junto ao mar e costões abruptos isolando várias de suas praias [...] A densa vegetação que recobre as ilhas e serras é composta de representantes de diversos ecossistemas, como mangues, vegetação de restinga e florestas de várias classificações que compõem o grande bioma denominado Mata Atlântica [...] (ALVES FILHO, 2004, p. 52).

Justamente por suas particularidades ambientais, apresentando flora e fauna com espécies raras e endêmicas, a Ilha Grande recebeu no ano de 2019, juntamente à Paraty, o título de Patrimônio Histórico e Natural da Humanidade. O reconhecimento é do comitê de Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO. A este respeito, contribui Baratto (2019): "*O local é o primeiro bem brasileiro inscrito na categoria de sítio misto, ou seja, cultural e natural. Abrange um território de quase 149 mil hectares, em que o centro histórico se cerca de quatro áreas de conservação ambiental*".

Por conta de sua ampla gama de belezas naturais, o fluxo de turistas com destino a ilha é bastante intenso, especialmente no verão, já tendo sido registrada, de acordo com Mendes (2014), a chegada de 20 mil pessoas na Ilha Grande em um final de semana. Em um ano, de acordo com estudos de Schmidt (2016) e Neves (2015), foi registrada a presença de 450 mil turistas, tendo entre os meses de janeiro e fevereiro deste mesmo ano um fluxo de 20 mil pessoas, em média, indo e voltando do Abraão nos fins de semana. Além disso, Neves (2015) atesta que durante o *réveillon*, o número de turistas presentes na ilha chegou aos 30 mil, provocando

inúmeros problemas relacionados à infraestrutura e saneamento, uma vez que não há planejamento adequado para essa demanda.

Nesse sentido, corrobora Ribeiro *et al.* (2015, p.5): "[...] a Ilha Grande é mais um local de beleza natural que vem sendo alterado pelo turismo de massa, que por lá chegou em muitos casos disfarçado de ecoturismo e hoje configura-se em um problema de grandes dimensões". Além disso, em estudos de Araújo *et al.* (2005), são elencados inúmeros impactos ambientais decorrentes do turismo na Ilha Grande, dentre eles as obras de contenção de encostas inadequadas, voçorocas, áreas que sofreram incêndios florestais, faixas desmatadas, lixo náutico e alterações nos costões causados por condomínios e casas particulares.

No entanto, os impactos da atividade na região não se limitam à esfera ambiental. De acordo com Coitinho, Miranda e Friede (2018), a prática turística é também responsável por inúmeros impactos socioambientais, tais como a exiguidade de serviços de abastecimento de água, saneamento básico, coleta e destinação de resíduos sólidos urbanos, além da escassez no fornecimento de energia elétrica e do reuso de rejeitos do setor de construção civil.

Os impactos da ação humana são mais evidentes nos locais onde o fluxo de turistas é maior, como, por exemplo, no local considerado a "capital" da ilha, a Vila do Abraão, que concentra a imensa maioria dos turistas. Contudo, a ilha ainda preserva várias de suas características naturais em grande parte do seu território, especialmente nas áreas onde o acesso do público é restrito (COITINHO; MIRANDA; FRIEDE, 2018, p.105).

Diante do exposto, é notável a relevância da biodiversidade característica da Ilha Grande, o que a coloca, inclusive, em destaque nos cenários nacional e internacional. Assim, uma vez que é marcada pela atividade turística, é necessário o debate acerca dos seus impactos ambientais, o que pode ser mediado a partir de diferentes pesquisas e enfoques, dentre os quais a análise do perfil dos seus visitantes.

Ao finalizar essa etapa de apresentação da Ilha Grande, conforme exposto, reconhecida área natural com suas unidades de conservação de significativa biodiversidade, merece ênfase os seguintes dizeres:

A oportunidade de visitar áreas naturais pode reformular nossas relações e com esse universo, o que nos leva à rica idéia da criação de unidades de conservação, importantes não só por protegerem as espécies de plantas e animais, como por possibilitarem a atuação direta no processo de transformação individual e, por extensão, da sociedade (NEIMAN; MENDONÇA, 2000, p.101).

Metodologia

O presente trabalho resulta da pesquisa que teve o objetivo de analisar o perfil socioeconômico e turístico dos visitantes de Ilha Grande, no município de Angra dos Reis – RJ, durante o verão de 2018. Para tanto, foram empregados os métodos quantitativo e qualitativo, pesquisa bibliográfica e entrevistas estruturadas.

De maneira geral, os métodos quantitativo e qualitativo são assim definidos, de acordo com Richardson *et al.* (1999) e Triviños (1995): enquanto o primeiro se utiliza da análise estatística, desde a coleta dos dados até seu tratamento, o segundo o faz sob a ótica para compreender os fenômenos sociais. Segundo Minayo (2000, p. 22), “o conjunto de dados quantitativos e qualitativos não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage, dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”.

Enquanto método de estudo, a pesquisa bibliográfica é entendida por Severino (2007, p.122) como “[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc”. Para o presente artigo, os enfoques para a construção de referencial teórico foram os temas Meio Ambiente e Turismo de Natureza.

Especificamente no que tange às entrevistas estruturadas, foram empregadas perguntas padronizadas e aplicadas em sequência a todos os entrevistados, o que é, segundo Gil (1999), bastante eficaz para o tratamento quantitativo dos dados.

Foram realizadas 240 entrevistas com turistas prestes a embarcar para a Ilha Grande, a partir dos cais de Santa Luzia e Lapa, localizados na área central de Angra dos Reis-RJ. Este número de entrevistados abordados considerou a quantidade superior e suficiente para obtenção de dados significativos e resultados satisfatoriamente conclusivos. As entrevistas foram divididas em dois períodos: entre os meses de novembro e dezembro do ano de 2017 e durante os meses de janeiro e fevereiro do ano de 2018. As entrevistas foram realizadas em datas e dias semanais distintos, com o objetivo de diferenciar o perfil dos entrevistados, e foram divididas igualmente entre os períodos e também entre os cais utilizados como localidade para as entrevistas.

Estas entrevistas visavam ao levantamento do perfil socioeconômico e turístico dos visitantes, incluindo dados sobre gênero, faixa etária, escolaridade, renda média, procedência, motivação da viagem e destino. Considerando-se o caráter ambiental da Ilha Grande e visando entender a percepção do turista sobre o local, solicitou-se ao entrevistado explicitar em duas palavras seus pensamentos a respeito da ilha em questão. Por fim, diante de uma recente polêmica envolvendo a cobrança de taxas para visitação, ao turista foi questionado se pagaria o ingresso pelo destino.

À medida que a pesquisa foca nos turistas, não se entrevistou os moradores do município de Angra dos Reis, bem como não foram abordadas mais de uma pessoa pertencente a um mesmo grupo ou família, sendo a entrevista direcionada preferencialmente ao membro da família ou grupo que se demonstrou mais interessado em participar da pesquisa.

Por fim, os dados obtidos foram tabulados no *software* Excel e embasaram o desenvolvimento dos gráficos e mapas que sustentam a posterior análise dos resultados obtidos.

Resultados e discussão

Visando à compreensão da pesquisa e dos seus objetivos, os resultados são aqui representados enquanto gráficos, mapas e análises descritivas.

Em relação à escolaridade dos turistas, os de formação superior correspondem a 42% do total, e 18% possuem pós-graduação. Isto é, 60% dos turistas entrevistados possuem algum tipo de formação superior. Do restante, 25% possuem curso superior incompleto, seguidos de 14% com ensino médio completo e 1% incompleto (Figura 2).

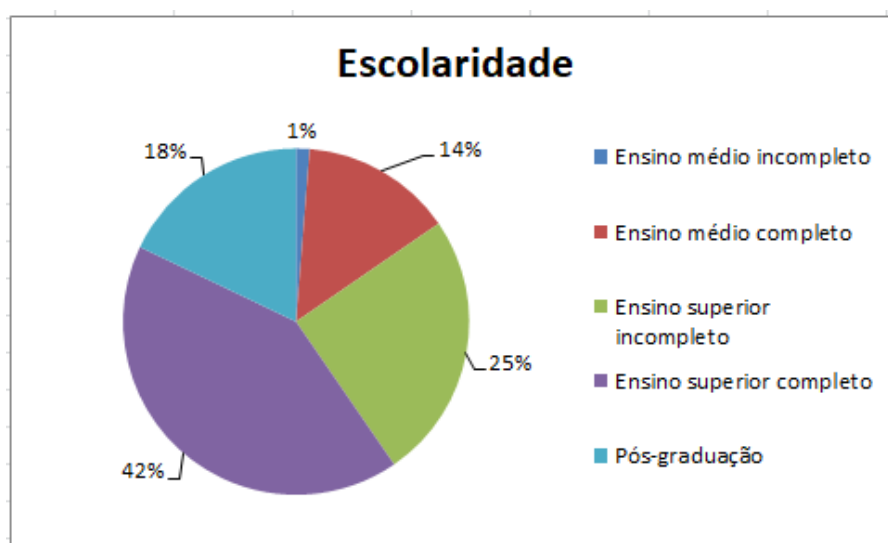


Figura 2: Escolaridade dos turistas.

Figure 2: Education of tourists.

Financeiramente, 25% dos turistas se incluem no grupo que tem renda familiar acima de 9 mil reais; 17% declararam receber de 7 a 9 mil reais. Os grupos que compreendem os intervalos de 3 a 5 e 5 a 7 mil reais correspondem, ambos, a 24% do total. Além disso, 9% recebem entre 2 e 3 mil reais, estando apenas 1% no grupo que detém renda mensal entre 1 e 2 mil reais. Portanto, 66% dos turistas entrevistados têm renda de pelo menos 5 mil reais, e 42% acima dos 7 mil reais (Figura 3).

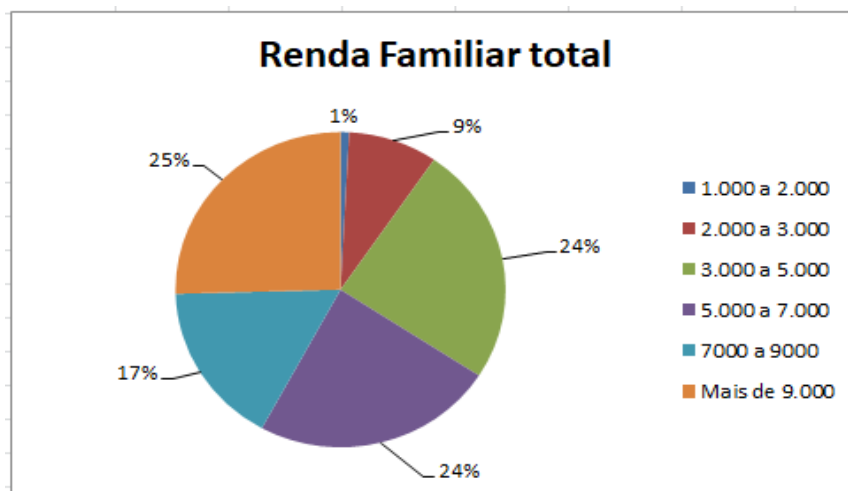


Figura 3: Renda familiar dos turistas.
Figure 3: Family income of tourists.

Em relação à procedência dos turistas, constatou-se que 187 (78% da amostra) eram brasileiros e 52 de fora do país (22% estrangeiros). Quanto aos turistas brasileiros especificamente, a região sudeste se destaca como emissora de turistas (82% do total). Nesta se destacaram os seguintes estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo (Figura 4).

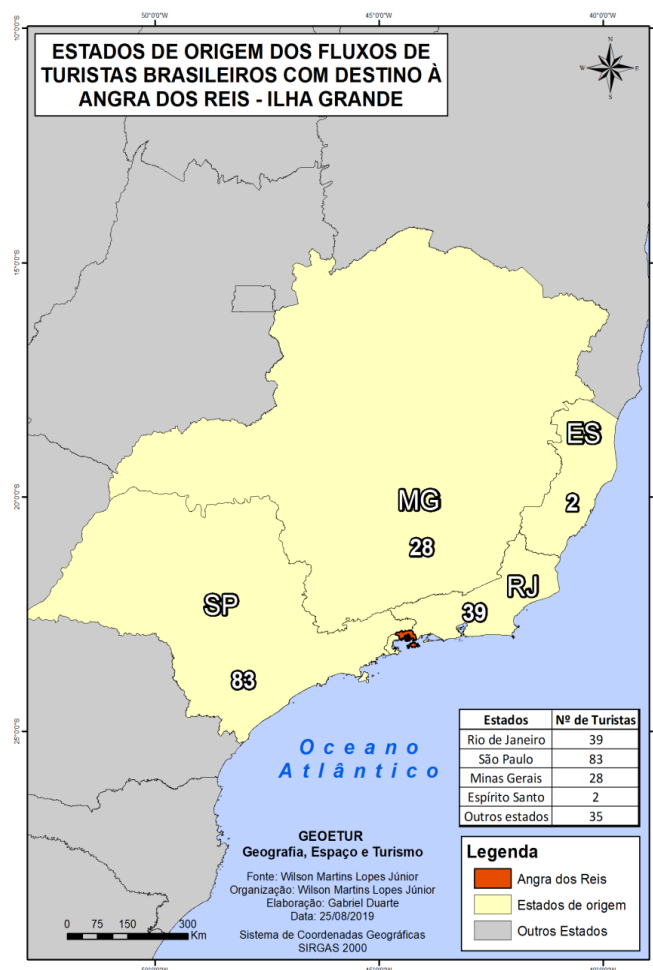


Figura 4: Estados de origem dos fluxos de turistas brasileiros. **Fonte:** autor.
Figure 4: States of origin of Brazilian tourist flows. **Source:** authors.

São Paulo emitiu 44% do total dos turistas, liderando, portanto, a amostragem, tendo o estado do Rio de Janeiro na sequência com 21%. Deve-se mencionar, que fatores como a alta densidade demográfica de São Paulo, a sua distância em relação a Angra dos Reis, assim como a infraestrutura de transportes (rodovias e aeroportos) favorecem o fluxo de turistas expressivo proveniente desse estado.

Para os estrangeiros, o continente europeu se destacou (53% das emissões), seguido pela América do Sul, América do Norte, Oceania e África (Figura 5).

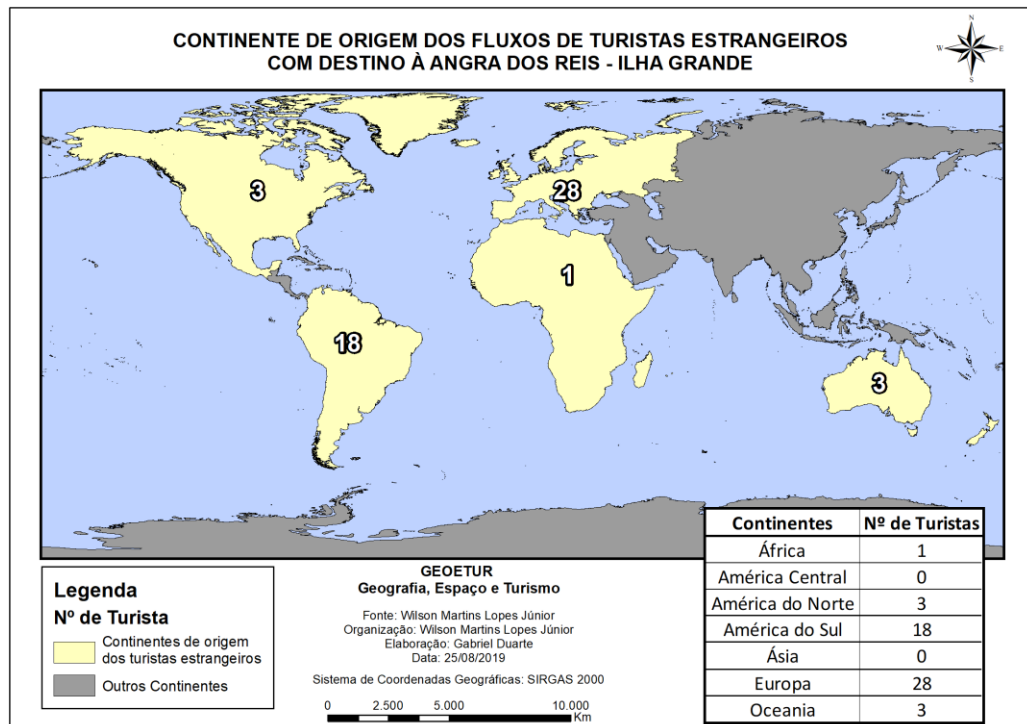


Figura 5: Continente de origem dos fluxos de turistas estrangeiros. **Fonte:** autor.

Figure 5: Continent of origin of foreign tourist flows. **Source:** authors.

A título de informação, Fonseca e Lopes Júnior (2016) realizaram pesquisa que diagnosticou o perfil socioeconômico de turistas que visitavam a Ilha Grande. Naquela ocasião, os dados coletados na alta estação do ano de 2015, apontaram que 80% dos turistas eram brasileiros. Ou seja, algo próximo dessa pesquisa, na qual 78% foram identificados como brasileiros. Ainda sobre os turistas brasileiros, a referida pesquisa realizada em 2015, também apontou os estados da região sudeste como maiores emissores de turistas para a Ilha Grande, na seguinte ordem: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais.

Em relação às praias nas vilas de Ilha Grande escolhidas pelos turistas para ficarem hospedados, a pesquisa aponta que 51% escolheram a praia da Vila do Abraão, sendo seguida por Palmas (11%), Araçatiba (9%), Praia Vermelha (8%), Provetá (6%). Os índices menos expressivos dizem respeito às praias de Saco do Céu, Sítio Forte, Bananal e Dois Rios (Figura 6).

A escolha dessas localidades, possui relação direta com a infraestrutura e equipamentos instalados na ilha, pois as localidades que recebem maior número de turistas, são as que também concentram as melhores condições estruturais. No caso da Vila do Abraão, sede da Ilha Grande, é a localidade onde estão instalados o

maior número de equipamentos de hospedagem, comércio e serviços de toda a ilha, assim constituindo-se no núcleo urbano da Ilha Grande. Soma-se ao exposto, que a rota oficial de embarcações (empresas privadas ou pública) para a Ilha Grande, tem como destino principal o Abraão.

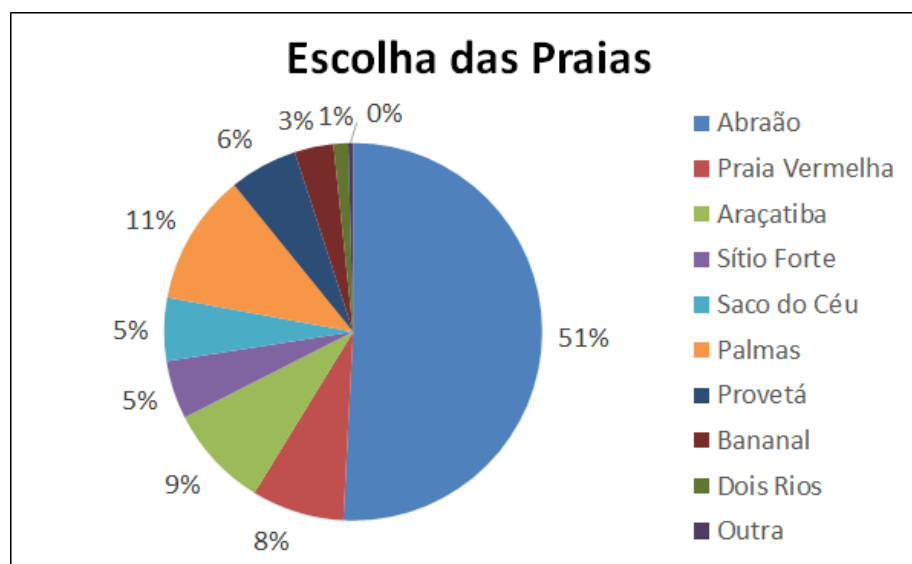


Figura 6: Escolha de praias pelos turistas para se hospedarem.

Figure 6: Choice of beaches by tourists to stay.

Os turistas foram questionados em qual categoria de hospedagem iriam ficar, apontando a preferência da grande maioria de permanecer em pousadas (66%), seguida de campings (17%), hostels (9%) e casas (8%). Isso demonstra que não é do perfil dos visitantes escolherem hotéis para se hospedarem, preferindo equipamentos alternativos às hospedagens convencionais (Figura 7).

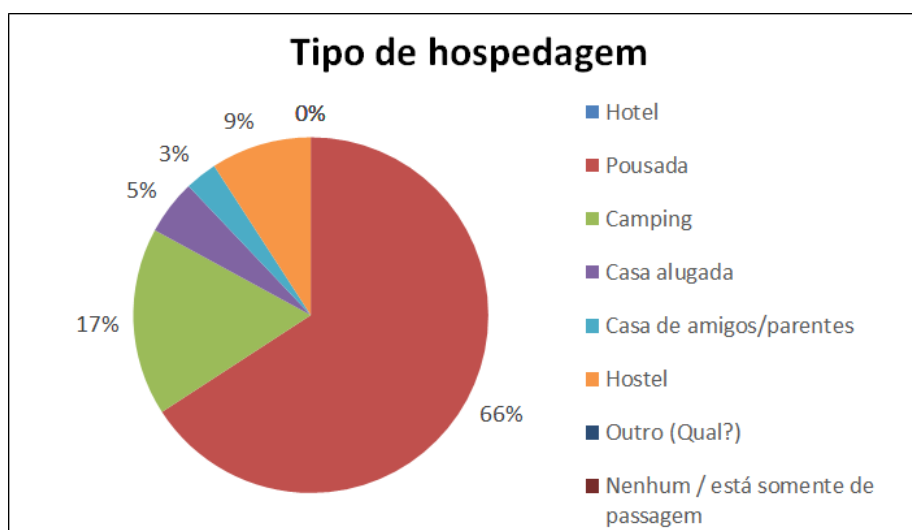


Figura 7: Escolha do tipo de hospedagem pelos turistas.

Figure 7: Choice of type of accommodation by tourists.

No que diz respeito à motivação para a viagem até Ilha Grande, 37% indicam as praias como o fator determinante, 31% apontam a procura por descanso, 25% a natureza, 6% a paisagem em si, sendo seguidos por outros menos relevantes.

Assim, pode-se observar 62% dos entrevistados destacaram o meio ambiente como motivação principal, de maneira que se pode atestar a importância da biodiversidade no fluxo de turistas local (Figura 8).

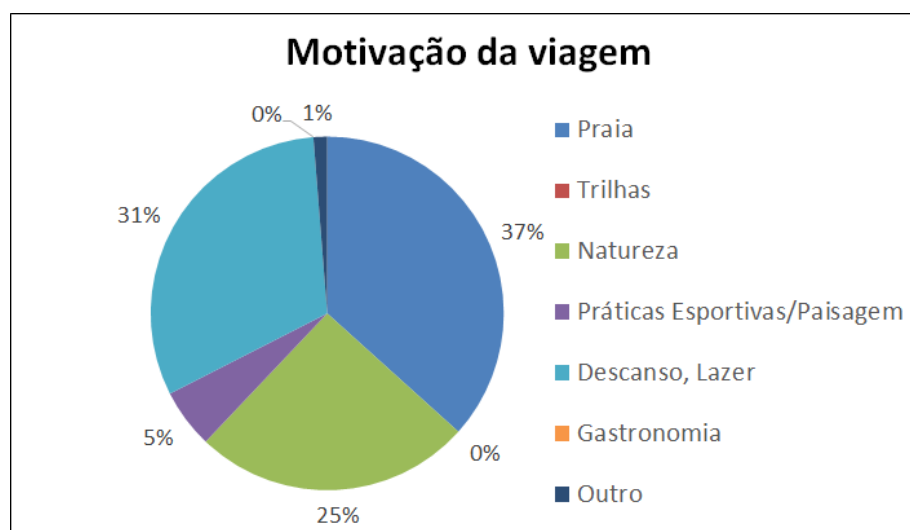


Figura 8: Motivação para a viagem até a Ilha Grande.

Figure 8: Motivation for the trip to Ilha Grande.

Indagados sobre duas palavras que exprimiam a ideia da visita, as mais citadas foram as seguintes: natureza e sol (36%), praia e areia (29%), mar e água (22%), sendo seguidas por outras, tais como tranquilidade, descanso, gastronomia e bebidas. Ao pensar na Ilha Grande, 87% dos turistas utilizaram a natureza como referência (Figura 9).

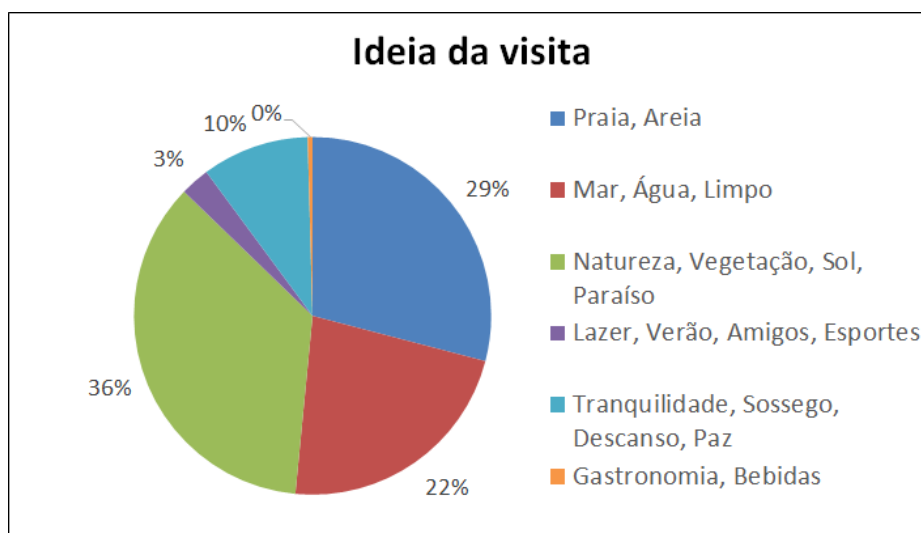


Figura 9: Ideia dos turistas sobre a Ilha Grande.

Figure 9: Tourists' idea of Ilha Grande

Por fim, diante da questão da Taxa de Preservação Ambiental - TPA a ser cobrada pelo acesso à Ilha Grande, 90% dos entrevistados aceitariam pagar o ingresso (Figura 10). Em sua pesquisa sobre o mesmo tópico, Santos (2016) obteve a esse mesmo respeito um total de 69% da amostra que aceitariam pagar a taxa,

com a ressalva de que esta mesma taxa fosse comprovadamente convertida em benefícios nas áreas ambiental e social.

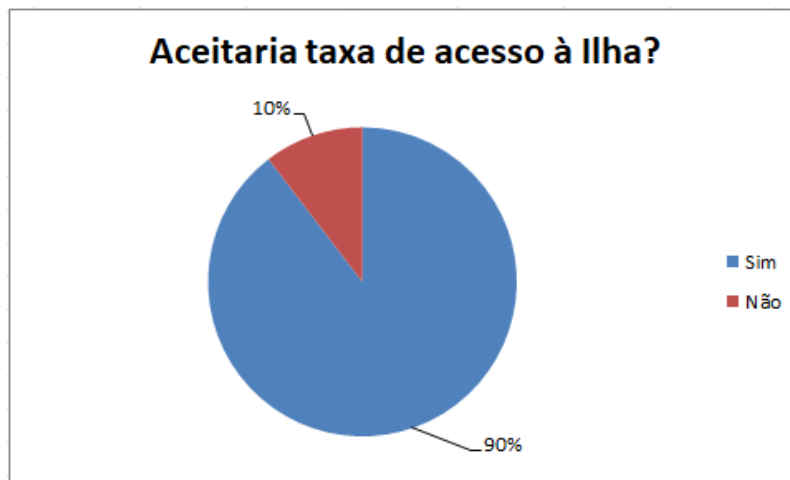


Figura 10: Posição dos turistas quanto ao pagamento de TPA.

Figure 10: Position of tourists regarding the payment of TPA.

De acordo com os resultados obtidos, o estudo do perfil turístico dos turistas, que se destinaram à Ilha Grande no estado do Rio de Janeiro no verão de 2018, destacou que o meio ambiente é uma motivação principal de viagens (62% dos entrevistados), assim como muitos turistas (87%) atribuem à natureza como referência e ideia da visita. Esta constatação implica na importância dos atributos paisagísticos e dos patrimônios naturais existentes na Ilha Grande e suas respectivas demandas de ações para conservação/proteção ambiental. Aliado a isso, os resultados mostraram que 90% dos entrevistados aceitariam pagar a Taxa de Preservação Ambiental – TPA, repercutindo em ações e iniciativas locais necessárias para a viabilização das ações de educação, conservação e/ou proteção ambiental.

Destarte, ações ambientais vinculadas à visitação dos turistas devem ser constantemente empreendidas no sentido de atender à demanda e à sustentabilidade do turismo na Ilha Grande, devido à dependência e às motivações turísticas da prática do Turismo relacionadas aos seus atrativos naturais.

Políticas, programas, planos, projetos e ações, tanto de cunho ambiental, assim como do desenvolvimento turístico, e também das interfaces de integração turística-ambiental, condizentes com os princípios de sustentabilidade, devem ser concebidos, planejados e constantemente implementados na Ilha Grande, a fim de manter também a continuidade inclusive da dimensão econômica, já que o turismo é um setor de destaque da economia local, impulsionado pelos atrativos naturais, conforme identificado no estudo.

Os diversos impactos advindos da prática da atividade turística em Ilha Grande devem ser evitados e/ou minimizados. Para isso, devem ser providos os investimentos em melhorias e ampliação da infraestrutura de saneamento básico (abastecimento e tratamento de água; coleta e destinação de resíduos sólidos coleta e tratamento de esgotos sanitários; sistemas de drenagem de águas pluviais) e em planejamento e ordenamento territorial da expansão urbana (pela efetivação de planos diretores).

Para além disso, os estudos de Capacidade de Carga Turística (levando-se em consideração a grande variabilidade da sazonalidade turística existente em Ilha Grande) devem ser realizados, atualizados e revisados frequentemente para cada tipologia, localidade e destino turístico (principalmente aqueles relacionados aos atrativos naturais), visando à visitação controlada e às adequadas interações turísticas com mínimo impacto ambiental. Os dados e resultados dos estudos de Capacidade de Carga Turística devem ser incorporados e integrados às tomadas de decisões conjuntamente com as ações de planejamento e gestão pública.

Conforme Azeredo e Zaú (2017), conhecendo os impactos negativos causados pelos turistas, cabe à administração de unidades de conservação (e também de outras instituições envolvidas com o turismo e o meio ambiente) projetar locais apropriados para visitação e estabelecer suas Capacidades de Carga suporte.

Além disso, são sugeridos ações e meios para que os inúmeros impactos ambientais decorrentes da prática do turismo na Ilha Grande sejam também percebidos pelos próprios turistas, propiciando práticas de sensibilização e percepção ambiental, tais como: produção de resíduos; sobrecarga dos serviços de saneamento básico; danos à flora e à fauna, degradação de patrimônios naturais, históricos e culturais; sobrecarga de fornecimento de energia e de recursos naturais; emissões de poluentes gasosos; ruídos; dentre outros.

Nesse sentido, programas, projetos e ações de educação ambiental são relevantes para viabilizar compreensão, entendimento, envolvimento, participação, mobilização e possíveis mudanças de atitudes e comportamentos das pessoas sobre o meio ambiente, visando à proteção da biodiversidade e dos ecossistemas litorâneos existentes na Ilha.

De acordo com Carvalho e Costa (2013), a Educação Ambiental imbuída no Ecoturismo, deve orientar de maneira eficaz ações e estratégias, que além de desenvolver uma percepção em todos os sujeitos envolvidos. Deve ainda ressaltar e orientar propostas de conscientização tendo como objetivo orientar os visitantes sobre como usufruir, preservar a natureza e também vivenciá-la numa experiência, propiciando poder crítico e ações positivas com a compreensão de sua importância (CARVALHO; COSTA, 2013). Uma maneira de desenvolver a educação ambiental é por intermédio de projetos e ações em ambientes naturais, visando propiciar um processo de possível influência do comportamento e mudança das realidades sociais (AZEREDO; ZAÚ, 2017).

A relação da Educação Ambiental com o Turismo remete à prática da visitação em ambientes naturais protegidos, tais como unidades de conservação, áreas de proteção ambiental, atrativos naturais e histórico-culturais, que podem ser potencializada e intensificada por meio de iniciativas de interpretação ambiental, que já existem e são desenvolvidas em Ilha Grande.

Também destaca-se a importância da implementação de ações e estratégias de comunicação ambiental em Ilha Grande, a fim de fornecer continuamente informações úteis, normas de acesso e uso dos espaços turísticos, procedimentos para realização de atividades (aquáticas, recreativas, de lazer, de esportes de aventura etc.), orientações de conduta responsável principalmente nos espaços naturais de visitação, boas práticas ambientais, divulgação de mapas e alertas de impactos, riscos, vulnerabilidades e segurança ambientais. Estas ações poderão ser estabelecidas por meio da elaboração de um Plano de Comunicação (Ambiental), revisado e atualizado periodicamente.

Programas e ações ambientais específicas poderão ser definidos de acordo com as características dos turistas, a partir do seu perfil identificado pelo presente estudo, adequando os diversos formatos, meios midiáticos, conteúdos e linguagens de comunicação ambiental, educação ambiental, interpretação ambiental e projetos de cunho ambiental.

Tais iniciativas, diretrizes e ações ambientais possuem o intuito de propiciar medidas sustentáveis das atividades turísticas e seus respectivos benefícios socioambientais, assim como viabilizar a manutenção do atendimento às expectativas dos turistas de Ilha Grande, com foco de interesse nos atributos naturais da Ilha, conforme os resultados de seu perfil turístico apresentados pela pesquisa.

Considerações finais

O meio ambiente e os patrimônios naturais/paisagísticos existentes em Ilha Grande constituem-se nas principais motivações de viagens e na referência da ideia de visitas dos turistas que se destinaram à Ilha Grande no verão de 2018, conforme identificado na pesquisa sobre o seu perfil turístico. Este resultado ressalta a importância dos atributos naturais existentes, assim como mostra a necessidade de ações para sua conservação e/ou proteção ambiental.

Observou-se que uma das preocupações em implementar uma taxa de manutenção dos meios socioambientais, pela cobrança da ida até a Ilha Grande aos turistas, foi corroborada pela aceitação dos mesmos em valorizar a natureza a qual estavam pretendendo aproveitar-se. Dessa forma, percebe-se que o perfil dos visitantes sugere um cenário que traz a importância de preservação do meio e escolhas por ambientes naturais e culturais conservados.

A identificação do perfil socioeconômico e turístico dos visitantes da Ilha Grande (e suas respectivas motivações) possibilita e permite a definição mais adequada de políticas, programas, planos, projetos e ações de planejamento da atividade turística, condizentes com suas expectativas, no sentido de prover informações e dados relevantes para tomada de decisões sustentáveis.

Porém, o atual quadro de intenso fluxo em massa de visitantes na Ilha Grande requer reconsiderações e reflexões sobre a tipologia de turismo que vem sendo incentivada e investida, cujas demandas muitas vezes se contrapõem com a conservação dos ambientes naturais (desejável pelos próprios visitantes).

Assim, pelas suas particularidades ambientais e pelo título de Patrimônio Histórico e Natural da Humanidade recentemente outorgado, a Ilha Grande consolida-se num destino com referência à natureza, à qual devem ser dedicadas medidas e ações sustentáveis, viabilizadas também pelo Turismo Sustentável, a fim de garantir a conservação ambiental, cultural e social.

Referências

- AB'SABER, A.N. **Os domínios de natureza no Brasil:** potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ALMEIDA, M. G. de. Desenvolvimento turístico ou desenvolvimento local? Algumas reflexões. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL, 2004, Curitiba. **Anais ...** Curitiba: UFPR, 2004.

ALVES, L. R. DOS S.; COSTA, N. M. C. DA. Perfil dos guias de (eco)turismo e de sua atuação no Parque Estadual da Ilha Grande (RJ). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 5, n. 3, 27 set. 2012.

ALVES FILHO, D.S. Angra dos Reis: monumentos históricos entre a indústria e o paraíso. **Dissertação**, Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

ARAUJO, C.D.; CARVALHO, A.G.; SILVA, C.D. Impactos ambientais do Turismo na Ilha Grande: um estudo comparativo sobre a percepção dos moradores da Vila do Abraão e da Vila Dois Rios. **Caderno Virtual de Turismo**. Vol. 5, Nº 3, p. 18-26. 2005.

AZEREDO, T.V.; ZAÚ, A.S. Ecotourism and Environmental Education: connecting different concepts. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.10, n.3, ago/out 2017, pp.670-684.

BARATTO, R. Paraty e Ilha Grande recebem título de Patrimônio Mundial da Unesco. **ArchDaily**. **IPHAN**. 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/920609/paraty-e-ilha-grande-recebem-titulo-de-patrimonio-mundial-da-unesco>> Acesso em 19 ago. 2019.

BERTONCELLO, R. Processo de Modernização e Espaço Local: o caso do município de Angra dos Reis (RJ). **Dissertação** de Mestrado em Geografia – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Sol e Praia: orientações básicas**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. – 2.ed – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRIASSOULIS, H. Sustainable tourism and the question of the commons. **Annals of tourism research**, v. 29, n.4, p. 1065-1085. 2002.

BUTLER, R.W. Sustainable tourism – a state of art review. **Tourism Geographies: an international journal of tourism space, place and environment**. Florence, n.1, v.1, p.7-25, feb. 1999.

CARVALHO, B.C.; COSTA, V.C. Educação Ambiental na visão ecoturística: turismo e desenvolvimento local no município de Rio das Ostras (RJ). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.6, n.1, jan/abr-2013, pp.171-190.

COITINHO, G.B.; MIRANDA, M.G.; FRIEDE, R. Impactos socioambientais do turismo na Ilha Grande–RJ. **Revista FAEBA**, Salvador, v.27, n.52, p.101-121, 2018.

CORBIN, A. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COSTA, R.O.A. (Re)produção do Lugar Turístico Aliado à Lógica dos Ambientes de Atração Permanente: o exemplo da expansão do fenômeno do ecoturismo na Ilha Grande – Angra dos Reis (RJ) *In*: MARAFON, G. J. e RIBEIRO M. A. (orgs.). **Revistando o Território Fluminense III**. Rio de Janeiro: Gramma, 2010, p. 77-87.

CORRÊA, R. S. Angra dos Reis: Contribuição ao entendimento de uma pretensa vocação turística - pensando o turismo a partir do território; São Paulo. **Anais do 4º Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa – ENGRUP**; 2008; p. 252-278.

- FONSECA, T. B.; LOPES JUNIOR, W. M. Estudo do perfil dos turistas que visitam a Ilha Grande a partir do Cais de Santa Luzia, Angra dos Reis – Rio de Janeiro, Brasil. **Turismo e Sociedade**, [S.l.], v. 9, n. 2, ago. 2016. ISSN 1983-5442. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/47118>. Acesso em: 22 jan. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/tes.v9i2.47118>.
- FRATUCCI, A. C. A formação e o ordenamento territorial do turismo no Estado do Rio de Janeiro a partir da década de 1970. In: BARTHOO, R.; DELAMARO, M.; BADIN, L. (Org.) **Turismo e sustentabilidade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 81-109.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GUIMARÃES, G. **Uma cidade para todos: plano diretor do município de Angra dos Reis**. Editora Forense, Rio de Janeiro, 1997.
- HALL, M.; LEW, A. The geography of sustainable tourism development: an introduction. In: HALL, Michael e LEW, Alan (Org.). **Sustainable tourism: a geographical analysis**. Essex, UK: Addison Wesley Longman Limited, 1998. p. 1-12.
- HALL, C. M.; PAGE, S. J. Progress in Tourism Management: From the geography of tourism to geographies of tourism: A review. **Tourism Management**, 30, 3/16. 2009.
- HANAI, F.Y. Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade do turismo: conceitos, reflexões e perspectivas. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté - SP, v. 8, n. 1, p. 198-231, jan-abr/2012.
- HUNTER, C. Sustainable tourism as a adaptive paradigm. **Annals of Tourism Research**. Elsevier Science, New York, v.24, n.4, p.850-867, 1997.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang&codmun=330010.2010>>. 2010. Acesso em: 23 jun. 2018.
- IRVING, M.A.; BURSZTYN, I.; SANCHO, A.P.; MELO, G.M. Revisitando significados em sustentabilidade no planejamento turístico. **Caderno Virtual de Turismo**, Instituto Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, n.18, dez. 2005. p.1-7.
- LOPES JÚNIOR, W.M. Avaliação do fluxo de ônibus fretados na cidade de Angra dos Reis, RJ. **Revista Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 10(3), pp. 483-500, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v10i3p483>.
- MACHADO, H. C. F. A construção Social da Praia. **Revista Sociedade e Cultura** 1, Cadernos do Noroeste, Série Sociologia. v. 13, p. 201-218, 2000.
- MACHADO, L. O. Angra dos Reis: porque olhar para o passado In: **Diagnóstico Sócio-Ambiental do Município de Angra dos Reis**. Convênio FURNAS-UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.
- MENDES, T. Com excesso de turistas, Ilha Grande terá tarifa de barcas mais alta e estuda controle de visitação. **O Globo**. 19/08/2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/com-excesso-de-turistas-ilha-grande-tera-tarifa-de-barcas-mais-alta-estuda-controle-da-visitacao-13652150>>. Acesso em: 09 dez. 2016.
- MINAYO, M. C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MOLINA, S. E. **Turismo e ecologia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- MORAES, A. C. R. de. **Contribuições para a gestão da zona costeira do Brasil: elementos para uma geografia do litoral brasileiro**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1999.

- MOTA S. **Introdução à Engenharia Ambiental**. Rio de Janeiro: ABES. 1997.
- NEIMAN, Z.; MENDONÇA, R. Ecoturismo: discurso, desejo e realidade. **Revista Turismo em Análise**, v. 11, n. 2, p. 98-110, 15 nov. 2000.
- NEVES, E. Invasão turística, esgoto e lixo ameaçam o santuário de Ilha Grande. **Veja Rio**. 18 abr. 2015. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cidades/invasao-turistica-esgoto-e-lixo-ameacam-o-santuario-de-ilha-grande/>>. Acesso: 04 jan. 2017.
- OLIVEIRA, A. P. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. São Paulo: Atlas, 2000.
- PAIVA, M.G.M. **Sociologia do turismo**. 8. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.
- RAMOS, D.R. **A Invenção da Praia e a Produção do Espaço: Dinâmicas de Uso e Ocupação do Litoral do ES**. Vitória: Programa de Pós - Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, 2009.
- REJOWSKI, M.; YASOSHIMA, B.V.S.; SILVEIRA, A.S. Desenvolvimento do Turismo. In: REJOWSKI, M. (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002, p. 43-73.
- RIBEIRO, M.; RICHTER, M.; OLIVEIRA, M. P.; FERREIRA, E. Turismo Sustentável na Ilha Grande: uma análise frente ao turismo de massa. In: **Turismo em Zonas Costeira**, 2015, Aveiro. VIII Planejamento e Gestão de Zonas Costeira em Países de Expressão Portuguesa, 2015. v. 1. p. 10-25.
- RICHARDSON, R. J. *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- RODRIGUES, A.M. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A.F.A.; CRUZ, R.A. (orgs.) **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999. p.55-62.
- RODRIGUES, A.M. Desenvolvimento sustentável e atividade turística. In: RODRIGUES, A.B. **Turismo e desenvolvimento local**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p.42-54.
- RUSCHMANN, D. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. 3 ed. Campinas: Papirus. 1999.
- SANTOS, B.C. Taxa de preservação ambiental: Ilha bela e Ilha Grande. **Monografia**. Pós-Graduação *Lato Sensu* em Turismo: Economia, Gestão e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 74 p, 2016.
- SANTOS, L. A. F. Angra dos Reis: transformações socioeconômicas e mudanças demográficas, Campinas, **Anais** do V Encontro Nacional Sobre Imigração, 2007.
- SANTOS, M. S. Os conflitos entre natureza e cultura na implementação do Ecomuseu Ilha Grande. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v. 12 (suplemento), p. 381-400, 2005.
- SCHMIDT, S. Ilha Grande terá cobrança de entrada e número limitado de visitantes. **O Globo**. 21 jun. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/ilha-grande-tera-cobranca-de-entrada-numero-limitado-de-visitantes-19541567#ixzz4TIZe3SdQ>>. Acesso em: 28 jan. 2018.
- SEARA, L. Turismo Sustentável: Planejamento e Gestão. In: CUNHA; GUERRA (orgs.). **A Questão Ambiental: Diferentes Abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SIQUEIRA, P. Os caiçaras e a Rio/Santos. *In: Revista São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: Fundação SEADE, outubro/dezembro de 1989.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável**: conceitos e impacto ambiental. v. 1., São Paulo: Aleph, 2000.

TORTELLA, B. D.; TIRADO, D. Hotel water consumption at a seasonal mass tourist destination. The case of the island of Mallorca. **Journal of Environmental Management**, 92, 2568-2579. 2011.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

TULIK, O. Turismo e meio ambiente: identificação e possibilidades da oferta alternativa. **Revista Turismo em Análise**, v. 3, n. 1, p. 21-30, 27 maio 1992.

URRY, J. **O Olhar do Turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

Wilson Martins Lopes Júnior: Universidade Federal Fluminense, Angra dos Reis, RJ, Brasil.

E-mail: wmlopesjunior@id.uff.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9213724832027329>

Frederico Yuri Hanai: Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

E-mail: fredyuri@ufscar.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7651828454575175>

Luiz Claudio Passamai Serra Ribas: Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

E-mail: luizcribas@gmail.com

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7030837570730163>

Data de submissão: 23 de janeiro de 2020

Data de recebimento de correções: 24 de fevereiro de 2020

Data do aceite: 24 de fevereiro de 2020

Avaliado anonimamente